

# **MISERICÓRDIA**

**Abordagem sistemático-social**

**(Fortaleza, 24/09/2016)**

Francisco de Aquino Júnior

## INTRODUÇÃO

- Vamos fazer uma abordagem *sistemática social* da misericórdia

- *Sistemática*: explicitar a importância e o lugar fundamentais da misericórdia no todo da revelação e na fé cristãs

- Não vamos tratar do tema na Escritura, nos Padres da Igreja, no Magistério ou em determinados teólogos

- Pressupondo essas abordagens e apoiando-nos nelas, vamos indicar seu lugar e sua importância na Revelação e na Fé, isto é, vamos ver em que sentido ela diz respeito ao mistério de Deus revelado em Jesus Cristo e à vida cristã, enquanto vida em Deus e segundo Deus

- *Social*: mostrar que a misericórdia não se reduz a ação individual e grupal, pontual ou permanente, mas diz respeito também à organização da sociedade e se concretiza também na luta pela justiça

- Para isto, partiremos de uma breve consideração sobre a palavra misericórdia e explicitaremos, em seguida, sua densidade teológica (revelação-fé) e sua dimensão social (sociedade)

## **EXPRESSÃO MISERICÓRDIA**

- É importante começar fazendo algumas considerações sobre a expressão misericórdia para compreendermos melhor sua densidade teológica e sua dimensão social

- O Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização recorda que *misericórdia* é uma palavra latina composta por dois termos: *miséria* e *coração*<sup>1</sup>

- “‘Miséria’ refere uma indigência que ameaça a subsistência de quem se encontra em tal estado, porque é obrigado a viver nas margens da vida humana, e com dificuldade pode respirar a vida”

- “O ‘coração’ é o centro da zona mais íntima e mais verdadeira de cada homem. Por esse motivo, é considerado a sede dos afetos, ou seja, dos sentimentos de alegria, de sofrimento, de amor, de serenidade ou de agitação, daquele lugar impenetrável em

---

<sup>1</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Os Padres da Igreja e a misericórdia*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015, 18-21.

que se avaliam as escolhas de consciência de cada um de nós”

- “A união desses dois termos transformasse, então, em ‘misericórdia’, ou seja, no olhar amoroso e cheio de compaixão, tanto de Deus como da criatura, que gratuitamente se ajoelha sobre a miséria, a socorre e a anula com seu coração”

- O mesmo texto recolhe de um sermão de Santo Agostinho um trecho sobre o significado do termo misericórdia:

“O que é a misericórdia? Não é outra coisa senão encher o coração de um pouco da miséria [dos outros]. A palavra ‘misericórdia’ deriva da dor que se sente pelo ‘miserável’. Há duas palavras contidas nesse conceito: miséria e coração.

Quando o teu coração é tocado e atingido pela miséria dos outros, então isso é misericórdia”<sup>2</sup>

- Também o papa Francisco recorda o significado etimológico da palavra misericórdia: “‘miseris cor dare’, ‘dar o coração aos míseros’, aos que têm necessidade, aos que sofrem”<sup>3</sup>

- De modo que quando falamos de misericórdia, falamos de uma *vida* em cujo centro (coração) estão as pessoas que sofrem (miseráveis) ou de um *modo de vida* dinamizado pelo sofrimento alheio interiorizado e que se constitui como entrega ou serviço à humanidade sofredora e que se desenvolve de muitas formas

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, 57.

<sup>3</sup> PAPA FRANCISCO. *Ano Santo da Misericórdia*: 100 textos para meditação. Petrópolis: Vozes, 2016, 23.

## DENSIDADE TEOLÓGICA

- Importa, aqui, explicitar e insistir no fato de que quando falamos de misericórdia não falamos simplesmente de uma ação social, moral, ética, humanista
- Falamos de algo de toca no mistério mais íntimo e profundo de nossa fé: falamos do *modo de ser de Deus* e, conseqüentemente, do *modo de ser cristão*, enquanto participação, por Cristo, no Espírito, na vida mesma de Deus
- E isso é de fundamental importância para nós porque mostra que a misericórdia não é algo secundário nem opcional na vida cristã; constitui a essência mesma da vida cristã
- Dai a grande insistência do papa Francisco ao convocar esse Jubileu extraordinário da

misericórdia: Deus é misericordioso (*MV* 1, 2, 6-11) e nós devemos ser “misericordiosos como o Pai” (*MV* 13); a misericórdia “é o caminho que une Deus e o homem” (*MV* 2)

- Dois aspectos fundamentais da mesma verdade que convém considerar com mais atenção:

### **Deus é misericordioso**

- Essa é, sem dúvida nenhuma, a maior insistência do papa Francisco; o núcleo de sua pregação; o “coração pulsante do Evangelho” (*MV*, 12) ou da Boa Notícia que esse jubileu quer anunciar ou recordar ao mundo:

- A misericórdia do Pai “tornou-se viva, visível e atingiu seu clímax em Jesus de Nazaré” (*MV*, 1)



- “Misericórdia é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade”; é o “ato supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro” (*MV*, 2)

- Misericórdia é “a qualidade da onipotência de Deus”, como indicam Tomás de Aquino e a oração de Coleta do XXVI Domingo do Tempo Comum – uma das mais antigas (*MV*, 6)

- “‘Paciente e misericordioso’ é o binômio que aparece, frequentemente, no AT para descrever a natureza de Deus” (*MV*, 6)

- “A misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata mas uma realidade concreta, pela qual ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até o mais íntimo de suas

vísceras [...]. Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão” (*MV*, 6)

- Na Sagrada Escritura, “a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco. Ele não se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável. Aliás, o amor nunca poderia ser uma palavra abstrata. Por sua própria natureza, é vida concreta: intuições, atitudes, comportamentos que se verificam na atividade de todos os dias. A misericórdia de Deus é sua responsabilidade por nós. Ele sente-se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer vernos felizes, cheios de alegria e serenos” (*MV*, 9)

- Aparentemente, nada de novo; Francisco diz apenas o óbvio, o que os cristãos e a Igreja sempre souberam, pensaram e anunciaram e o que a teologia sempre disse

- Mas as aparências enganam...

- É verdade que Francisco não anuncia outro Evangelho que o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo anunciado pela Igreja ao longo dos tempos e pelo mundo afora

- Mas é verdade também que esse Evangelho muitas vezes foi e continua sendo ofuscado e comprometido com certas imagens de um deus pouco ou nada misericordioso

1) Um *deus-justiça/justiceiro*, que retribui a cada um segundo seus méritos ou deméritos

- O próprio Jesus na cruz termina sendo vítima desse deus justiceiro que recompensa os bons e pune os maus (Dt 21, 23; Gl 3, 13)

- E não por acaso tanta gente pensa que a pobreza e o sofrimento são castigo merecido (“deus sabe o faz”, “deus é justo”, “pagando pelos próprios pecados” etc.). E não faltam os “amigos” de Jó...

2) Um *deus-absoluto-impassível*, incapaz de se comover e de sofrer

- Não por acaso Kasper fala da misericórdia como “um tema imperdoavelmente esquecido” na teologia ou no discurso sobre Deus; revela a “assombrosa, mas também alarmante, constatação de que este tema [...] só ocupa,

no melhor dos casos, um lugar marginal nos dicionários enciclopédicos e nos manuais de teologia dogmática” tradicionais e recentes, inclusive no seu tratado sobre Deus: O Deus de Jesus Cristo<sup>4</sup>. E isso só pode ser qualificado, teologicamente, como “decepcionante” e “catastrófico”<sup>5</sup>

- “A razão deste tratamento negligente da misericórdia manifesta-se quando se observa que, nos manuais, são os atributos divinos que resultam da essência metafísica de Deus enquanto ser subsistente que ocupam o primeiro plano:

---

<sup>4</sup> KASPER, Walter. *A misericórdia*: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. São Paulo: Loyola, 2015, 21s

<sup>5</sup> *Ibidem*, 23.

simplicidade, infinitude, eternidade, onipresença, onisciência, onipotência etc”<sup>6</sup>

- “A pergunta que permanece em aberto é se, com isto, se faz justiça à compreensão bíblica de Deus, que sofre com as criaturas e, enquanto *misericors*, tem um coração (*cors*) junto dos pobres e para os pobres (*miseri*). Um Deus concebido de forma tão apática pode realmente sentir apatia?”<sup>7</sup>

3) Um *deus-lei*, defensor e garantidor incondicional da lei e que age sempre segundo a lei e de acordo com a observância ou não da lei (cf. *MV*, 20)

- Quantos cristãos apelam a “deus” para justificar seu rigorismo legalista com os

---

<sup>6</sup> *Ibidem*, 24.

<sup>7</sup> *Ibidem*, 25.

que, por circunstâncias as mais diversas, não vivem estritamente segundo as normas ou regras eclesiais? As discussões sobre a admissão ou não de casais de segunda união à mesa da eucaristia terminam muitas vezes numa tensão e/ou contraposição entre lei e misericórdia...

- Como é difícil o discernimento cristão... É que a vida nunca é “preto no branco”; normalmente tem “tom de cinza”<sup>8</sup>... como lidar com essas situações segundo a lógica do amor e da misericórdia que está mais preocupada com o bem do outro que com a observância da lei, por mais importante e necessária que seja?

---

<sup>8</sup> PAPA FRANCISCO. Papa aos jesuítas: “na vida nem tudo é preto no branco”. Disponível em: [http://br.radiovaticana.va/news/2016/08/25/spadaro\\_fala\\_do\\_encontro\\_do\\_papa\\_com\\_os\\_jesu%C3%ADtas\\_e\\_m\\_crac%C3%B3via/1253605](http://br.radiovaticana.va/news/2016/08/25/spadaro_fala_do_encontro_do_papa_com_os_jesu%C3%ADtas_e_m_crac%C3%B3via/1253605)>. Acesso em 23 de setembro de 2016.

- Tudo isso torna ainda mais necessária e urgente a insistência naquilo que constitui o “coração pulsante do Evangelho” (*MV*, 12): a misericórdia do Pai revelada/realizada na vida de Jesus

- “Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação” (*MV*, 2)

- Mas isso não é tudo... Não basta saber que Deus é misericordioso e que no centro de sua vida (coração) está a humanidade sofredora (miseráveis). Precisamos ser “misericordiosos como o Pai”

### **Misericordiosos como o Pai**

- O amor misericordioso de Deus “deve orientar o amor misericordioso dos cristãos. Tal como ama o Pai, assim também amam os filhos. Tal



como ele é misericordioso, assim somos chamados também nós a ser misericordioso uns para com os outros” (MV, 9)

- É a segunda insistência de Francisco, sempre vinculada à primeira:

- “A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia”. “A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo” (MV, 10)

- João Paulo II: “A Igreja vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora” (MV, 11)

- “A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que, por meio dela, deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa” (*MV*, 12)

- “A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E deste amor que vai até o perdão e o dom de si mesmo a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver, aí deve ser evidente a misericórdia”; ela deve ser um “oásis de misericórdia” (*MV*, 12)

- A misericórdia é “o caminho que une Deus e o homem” (*MV*, 2)

- O “sede misericordiosos como o Pai...” é um “programa de vida” (*MV*, 19)

- Importa, aqui, insistir que esse programa de vida ou esse modo de vida é algo estritamente espiritual; é o que nos torna afins com Deus, o que nos faz participar da Vida Divina
- A misericórdia não é apenas uma consequência da fé, mas o núcleo mesmo da fé que é uma fé ativada/dinamizada pelo amor (Gl 5, 6)
- Na vivência do amor/misericórdia está em jogo nada menos que a “vida eterna” (Lc 10, 25-37), o “julgamento das nações” e a participação no “Reino de Deus” (Mt 25, 31-46)
- Não há nada mais santo, mais espiritual, mais religioso, mais definitivo que o amor; ele é o critério último de nossa comunhão com Deus e, inclusive, da autenticidade de nossas práticas devocionais e da própria liturgia da Igreja que tem na eucaristia seu cume e sua fonte: memória

agradecida e comprometida da entrega de Jesus, atualização de sua entrega em nossa vida...

- O dualismo que marca nossa forma de pensar e que opõe de modo mais ou menos radical matéria e espírito tende a identificar o espiritual com práticas religiosas e acaba comprometendo a densidade teológica do amor cristão

- Mas é importante ter claro que, na perspectiva cristã, o espiritual tem a ver com a vida segundo o Espírito de Jesus Cristo; Espírito que o *consagrou* para “anunciar Boa Notícia aos pobres” e o *enviou* para “proclamar a libertação aos presos e aos cegos a reocupação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4, 18s)

- Espiritual tem a ver, em última instância, com amor/misericórdia...

## **DIMENSÃO SOCIAL**

- Tendo explicitado a densidade teológica da misericórdia, resta explicitar e insistir em sua dimensão social
- Isso é particularmente importante e necessário pela tendência a reduzir a misericórdia a práticas assistenciais, individuais ou coletivas
- De antemão, é importante ter claro que não se trata de contrapor a necessária *assistência aos pobres*, sempre praticada pela Igreja, com a *luta pela justiça social*
- Trata-se, simplesmente, de perceber que a misericórdia tem uma dimensão estritamente social que diz respeito à organização da sociedade e à garantia dos direitos dos pobres e marginalizados

- O papa Francisco tem insistido muito em que a opção pelos pobres “envolve tanto à cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos” (EG, 188); passa não só pelos gestos pessoais e comunitários de solidariedade, mas também pela luta pela transformação das estruturas da sociedade

- “Embora ‘justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política’, a Igreja ‘não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça” (EG, 183). E isso é urgente: “A necessidade de resolver os problemas estruturais da pobreza não pode esperar [...] Os planos de assistência, que ocorrem a determinadas emergências, deveriam

considerar-se como respostas provisórias. Enquanto não forem solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais” (EG, 202)

- Na Encíclica *Laudato Si*, fala de “amor civil e político”: “O amor, cheio de pequenos gestos e cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre indivíduos, mas também ‘as macro

relações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos” (LS, 231)

- E, falando da “conversão ecológica”, adverte que “para se resolver uma situação tão complexa como esta que enfrenta o mundo atual, não basta que cada um seja melhor. Os indivíduos isolados podem perder a capacidade e a liberdade de vencer a lógica da razão instrumental e acabam por sucumbir a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental. Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias: ‘ As exigências desta obra serão tão grandes, que as possibilidades da iniciativas individuais e a cooperação dos particulares, formados de maneira individualista, não serão capazes de lhes dar resposta. Será necessária uma união de forças



e uma unidade de contribuições. A conversão ecológica, que se requer para uma mudança duradoura, é também uma conversão comunitária” (LS, 219)

- Certamente, isso não é novidade. Podemos encontrar indícios disso na Escritura e na Tradição da Igreja

- Pensemos, por exemplo, na denúncia dos profetas contra a acumulação de riquezas, contra o salário não pago aos trabalhadores, contra a violação do direito das viúvas nos tribunais, contra a espoliação dos bens dos pequenos, contra um culto aliado à injustiça social e, sobretudo, na defesa radical (e institucional!) do direito do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro

- Pensemos também nas reflexões sobre a destinação universal dos bens e sobre a política como arte do bem comum, desenvolvidas na Tradição da Igreja
- E essa preocupação e reflexão se consolidam com o desenvolvimento do ensino social da Igreja através das encíclicas sociais e de várias reflexões do magistério da Igreja
- Tomemos como exemplo a primeira e a última encíclica social
  - *Rerum Novarum* (1891) obre a condição dos operários no contexto da revolução industrial
  - *Laudato Si* (2015) sobre o cuidado da casa comum no contexto da crise ecológica

- E o Compêndio de Doutrina Social da Igreja, tratando dos “princípios de doutrina social da Igreja”, fala da “via da caridade” e, neste contexto, fala da “caridade social e política”

- Neste contexto, insiste na necessidade de “mostrar a caridade não só como inspiradora da ação individual, mas também como força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje e para renovar profundamente, desde o interior das estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos. Nesta perspectiva, a caridade se torna *caridade social e política*: a caridade social nos leva a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas, consideradas não só individualmente, mas também na dimensão social que as une” (207)

- “A caridade social e política não se esgota nas relações entre as pessoas, mas se desdobra na rede em que tais relações se inserem, que é precisamente a comunidade social e política, e sobre esta intervém, visando ao bem possível para a comunidade no seu conjunto. Sob tantos aspectos, o próximo a ser amado se apresenta ‘em sociedade’, de sorte que amá-lo realmente, prover às suas necessidades ou à sua indigência pode significar algo de diferente do bem que lhes pode querer no plano puramente inter-individual: *amá-lo no plano social significa, de acordo com as situações, valer-se das mediações sociais para melhorar sua vida ou remover os fatores sociais que causam a sua indigência.* Sem dúvida alguma, é um ato de caridade a obra de misericórdia com que se responde aqui e agora a

uma necessidade real e imperiosa do próximo, mas é um ato de caridade igualmente indispensável o empenho com vistas a organizar e estruturar a sociedade de modo que o próximo não venha a encontrar-se na miséria, sobretudo quando esta se torna a situação em que se debate um incomensurável número de pessoas e mesmo povos inteiros, situação esta que assume hoje as proporções de uma verdadeira e própria *questão social mundial*” (125)

- De modo que a caridade ou a misericórdia tem tanto uma *dimensão assistencial*, quanto uma *dimensão socioestrutural*; é preciso insistir tanto na *conversão do coração*, quanto na *transformação das estruturas sociais*; pessoas novas e sociedade nova

- E isto porque, como bem diz Puebla, o cristianismo “deve evangelizar a totalidade da existência humana, até mesmo a dimensão política” (515). “Efetivamente, a necessidade da presença da Igreja, no âmbito político, provém do mais íntimo da fé cristã: do domínio de Cristo que se estende a toda a vida” (516)

- Neste sentido, e só para dar um exemplo bem atual, o “dar de beber a quem tem sede” se traduz numa real e efetiva democratização da água, frente à atual política hídrica do Estado: bolsa água para os pobres X política estrutural hídrica para o agronegócio – nova versão da indústria da seca...

- racionamento e elevação da taxa de água

- garantia de água e isenção de 50% da taxa para indústrias do Pecém